

Prevalência de Dor Musculoesquelética em Professores da Rede Pública de Ensino Médio de Tocantinópolis - TO

Prevalence of Musculoskeletal Pain in Teachers from Public High School in the City of Tocantinópolis - TO

Chrystiana Alvarenga Guerra¹; Flávia Salgado Cavalcante²; Marco Antonio Basso Filho³; Thais Fernanda Augusto Valentim Pereira⁴; Thaís Fonseca Bandeira⁵

RESUMO

Objetivo: Descrever a prevalência de dor musculoesquelética em docentes da rede pública de ensino médio da cidade de Tocantinópolis – TO. **Métodos:** Realizou-se um estudo observacional transversal com 39 professores em que foi aplicado o questionário de dor de McGill-Melzack (adaptado para o estudo). Para a análise estatística utilizou-se o Mann-Whitney Test e Correlação de Pearson, com significância estatística estabelecida em $p \leq 0,05$. **Resultados:** 56,4% dos professores eram do sexo feminino e 43,6% do sexo masculino, com faixa etária variando de 23 a 55 ($X=35,74 \pm 8,85$) anos e tempo médio de docência de 11, 67 anos. A região mais acometida por dor foi o tronco, presente em 71,0%, sendo que a carga horária semanal que maior parte dos docentes (53,8%) trabalha é de 40 horas. 79,5% dos professores apresentaram dor nos últimos 7 dias e o tempo de dor da maioria dos docentes foi de 3 a 8 anos. **Conclusão:** Existe uma grande prevalência de dor osteomuscular nos docentes estudados, no entanto não houve diferença estatisticamente significativa na correlação da dor musculoesquelética com as variáveis: idade, gênero, tempo de docência e carga horária.

Palavras-chave: professores, dor, questionário de dor McGill-Melzack.

ABSTRACT

Objective: To describe the prevalence of musculoskeletal pain in teachers from public high school in the city of Tocantinópolis-TO. **Methods:** It was conducted a cross sectional observational study with 39 teachers in which was applied a McGill-Melzack pain questionnaire (adapted for the study). For the statistical analysis it was used the Mann-Whitney test and Pearson's correlation, with statistical significance set at $p \leq 0.05$. **Results:** 56.4% of teachers were female and 43.6% male, with ages ranging from 23 to 55 ($X = 35.74 \pm 8.85$) years and mean time of teaching of 11, 67 years. The region most affected by pain was the trunk, present in 71.0%, and the weekly schedule that most teachers (53.8%) work is 40 hours. 79.5% of teachers presented pain in the last 7 days and the time of pain of most teachers was 3 to 8 years. **Conclusion:** There is a high prevalence of musculoskeletal pain in the studied teachers; however there was no statistically significant difference in the correlation of musculoskeletal pain with the variables: age, gender, teaching time and workload.

Keywords: teachers, pain, McGill-Melzack pain questionnaire.

1. Fisioterapeuta, Pós-graduada em Fisioterapia Traumatológica Ortopédica pelo CDCE-GO
2. Fisioterapeuta, Pós-graduada em Fisioterapia Traumatológica Ortopédica pelo CDCE-GO
3. Fisioterapeuta, Pós-graduado em Fisiologia do Exercício pela UVA-RJ
4. Fisioterapeuta, Pós-graduada em Fisioterapia Traumatológica Ortopédica pelo CDCE-GO e Saúde Pública, Saúde da Família pelo IBEP-PR
5. Fisioterapeuta, Pós-graduada em Fisioterapia Traumatológica Ortopédica pelo CDCE-GO

Recebido: 09/2011
Aceito: 10/2011
Autor para correspondência:
Thais Fonseca Bandeira
E-mail: thais_fbandeira@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O cenário educacional, nos últimos anos, obteve algumas mudanças positivas, como ampliação da cobertura, produção de materiais de apoio, avaliação qualitativa e outros. No entanto, a qualidade e a igualdade da educação não desenvolvem de forma coerente e equilibrada para suprir as demandas da sociedade atual (CAMPOS, 2005). Além disso, há uma discrepância considerada entre as exigências da educação com os avanços dos recursos para esse sistema (ROCHA; FERNANDES, 2008).

Diante do avanço tecnológico, na direção do acúmulo de capital, o campo educacional passa por transformações também centralizadas na lógica capitalista de produção (FERNANDES et al., 2009; LANDINI, 2007).

Frente a isso, o trabalho docente passa a ser exercido de forma deficiente, devido a hipersolicitação de suas funções psicofisiológicas, repercutindo em sua instabilidade cognitiva, física e afetiva, favorecendo a antecipação de processos algícos, afastamento do trabalho e doenças ocupacionais, que somando com a baixa remuneração, emerge efeitos adversos neste cenário influenciando na qualidade de vida desses profissionais e na qualidade de ensino (CARDOSO et al., 2009; ROCHA; FERNANDES, 2008; GOMES; BRITO, 2006). Fica então evidente que o processo saúde-doença é resultante de condições multifatoriais que envolvem o universo docente e que implicam em consequências em vários aspectos (FERNANDES et al., 2009).

Face a esses condicionantes e determinantes da temática educacional frente às mudanças da globalização, o professor torna-se vulnerável a múltiplos problemas, uma vez que seu tempo para planejamento, aperfeiçoamento profissional, lazer, convívio social e outros, fica escasso diante da tamanha responsabilidade que passa a adquirir (CARLOTTO; CÂMARA, 2007; GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005).

Segundo Araújo; Carvalho (2009) existem três grupos de problemas de saúde entre docentes: problemas relacionados à voz, distúrbios osteomusculares e relacionados à saúde mental.

A dor é o sintoma mais comum em casos de afecções musculoesqueléticas, podendo ocorrer em condições agudas e crônicas, ser localizada ou difusa; sendo originada por trauma ou inflamação de tecidos ósseos, articulares ou musculares, instabilidade mecânica, espasmo muscular ou síndrome secundária ao uso excessivo (CORDEIRO; KHOURI; CORBETT, 2008; MIGUEL; KRAYCHETE, 2009).

A dor osteomuscular é apontada em professores como um relevante problema de saúde e as doenças decorrentes de agravos ao sistema musculoesquelético aparecem como as principais causas de afastamento do trabalho e de doenças profissionais nessa categoria (CARDOSO et al., 2009).

No Brasil, a literatura científica referente às condições de trabalho neste grupo ocupacional ainda é restrita, mas já estão esclarecidas as suas implicações para a saúde e eficiência do trabalho desses educadores (SILVA et al., 2006; DELCOR et al., 2004; MARIANO; MUNIZ, 2006).

Considerando todos esses aspectos, este estudo teve como objetivo descrever a prevalência de dor musculoesquelética em docentes da rede pública de ensino médio do município de Tocantinópolis, no estado do Tocantins, através do questionário de dor de McGill-Melzack. Além disso, busca estabelecer correlação da dor musculoesquelética com as variáveis: idade, gênero, tempo de trabalho, carga horária e identificar a região corporal mais comprometida pelas dores osteomusculares.

METODOLOGIA

Foi realizado um estudo observacional transversal junto aos professores do ensino médio da rede pública da cidade de Tocantinópolis / TO.

Foram convidados a participar da pesquisa todos os docentes distribuídos nas três escolas públicas de ensino médio existentes, mas incluídos apenas aqueles que se enquadram nos critérios estabelecidos. Foram incluídos no estudo os indivíduos que lecionam para o ensino médio, que apresentam dor osteomuscular e assinaram o termo de consentimento livre esclarecido; sendo excluídos da pesquisa os sujeitos que não lecionam para o nível médio de ensino, que apresentam dor não osteomuscular e que não assinaram o termo de consentimento livre esclarecido. Participaram do estudo indivíduos de ambos os sexos e de qualquer faixa etária.

Os instrumentos utilizados na presente pesquisa foram: carta de autorização de coleta de dados, para a realização do estudo nas instituições de ensino e o questionário de dor de McGill-Melzack, para identificar a presença de dor e suas características. O questionário de dor McGill-Melzack - versão original (VAROLI; PEDRAZZI, 2006), foi adaptado neste estudo devido a eliminação dos grupos de palavras referentes à sensação dolorosa para facilitar a compreensão e obter respostas fidedignas dos entrevistados. Para a avaliação da presença ou não de dor utilizou-se do critério de sensação dolorosa nos últimos 7 dias. A resposta positiva permitia a continuação no preenchimento do questionário, relacionado ao tempo de dor, sua intensidade e sua localização. A classificação como dor musculoesquelética ocorreu conforme sua região anatômica: cabeça, tronco (coluna), membros superiores (ombros, cotovelos, punhos e dedos) e membros inferiores (quadril, joelhos, tornozelos e dedos).

QUESTIONÁRIO DE DOR DE MCGILL-MELZACK

Dados Pessoais

Nome completo _____

Idade: _____ Sexo: () Masculino () Feminino

Há quanto tempo você trabalha como docente? _____

Qual a sua carga horária semanal? _____

Possui outra ocupação? () Sim () Não

Qual? _____

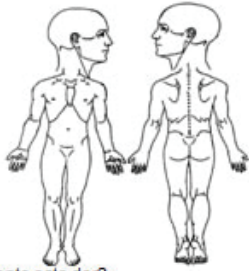
Você sentiu algum tipo de dor nos últimos 7 (sete) dias?

() Sim () Não

Obs: Caso tenha respondido **sim**, para esta pergunta, responda **todas** as perguntas a seguir. Caso tenha respondido **não** devolva o questionário aos pesquisadores.

Onde é a sua dor?

Por favor, marque no desenho abaixo as áreas onde você sente dor.



Há quanto tempo você sente esta dor? _____

Qual é a intensidade da sua dor?

0 _____ 10

Você possui algum diagnóstico médico para sua dor?

() Sim () Não

Qual? _____

Inicialmente foi enviada uma carta de autorização para coleta de dados às escolas públicas de ensino médio de Tocantinópolis, Tocantins. Os docentes foram convidados a participar do estudo e os interessados assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido - a fim de explicar as condições de sua participação neste estudo epidemiológico; os possíveis riscos à sua saúde; adquirir conhecimento para entender, prevenir e /ou aliviar um problema que afete o seu bem-estar; proporcionar o entendimento completo do projeto; esclarecer que a participação do indivíduo é voluntária e que as informações obtidas seriam utilizadas somente para fins científicos; e a isenção de remuneração pela participação na pesquisa.

Após o aceite e enquadramento nos critérios de inclusão, aplicou-se o questionário de dor de McGill-Melzack, que ocorreu durante o intervalo das aulas na sala dos professores. Um dos pesquisadores estava presente durante o preenchimento do questionário supracitado, para retirar dúvidas, entretanto sem interferir nas respostas dos voluntários. Os dados extraídos do questionário foram analisados verificando assim a presença ou não de dor osteomuscular nos últimos 7 dias, relacionando com as variáveis: idade, gênero, tempo de trabalho e carga horária; caracterização da dor e a região anatômica mais acometida.

Os preceitos ético-legais foram considerados conforme rege a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde 10/10/1996, que trata das recomendações éticas quando da realização de pesquisa que envolva seres humanos. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Fundação UNIRG - Centro Universitário de Gurupi – Tocantins, processo nº 0217/2010 expedido em 15/02/2011.

Os resultados foram analisados estatisticamente no programa estatístico SPSS, aplicando-se o Mann-Whitney Test e Correlação de Pearson, com significância estatística estabelecida em $p \leq 0,05$.

RESULTADOS

A amostra foi constituída por 39 professores, sendo 22 (56,4%) do sexo feminino e 17 (43,6%) do sexo masculino, com faixa etária variando de 23 a 55 anos ($X=35,74 \pm 8,85$). O tempo mínimo de docência foi de 1 ano e o máximo de 35 anos ($X=11,67 \pm 7,93$), sendo que 10 (25,6%) responderam que possuem outra ocupação e 29 (74,4%) responderam que NÃO.

Com relação a dor nos últimos 7 dias, 31 voluntários (79,5%) apresentaram e 8 (20,5%) não apresentaram, com intensidade de dor mínima de 2 e máxima de 10 ($X= 5,63 \pm 1,98$). Do total de docentes, 7 (22,6%) possuíam diagnóstico e 24 (77,4%) não possuíam, observando que a região corporal mais acometida por dor foi o tronco, presente em 22 indivíduos (71,0%), seguida por dor de cabeça (41,9%), dor em membros inferiores (25,8%) e membros superiores (19,4%), conforme a TABELA 1.

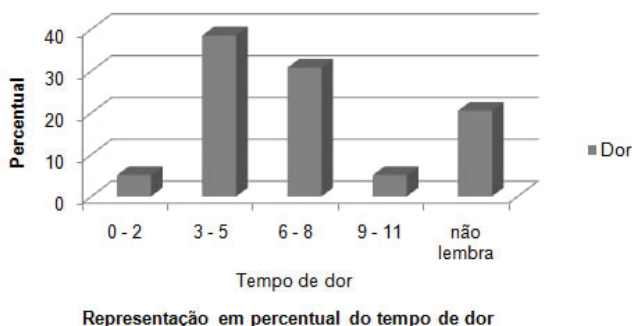
TABELA 1. Descrição geral da amostra em número e percentual em relação ao local da dor

Local da dor	Número de indivíduos	
	n	%
CABEÇA	13	41,9
TRONCO	22	71,0
MEMBROS INFERIORES	8	25,8
MEMBROS SUPERIORES	6	19,4

A carga horária semanal de 40 horas apresentou 21 docentes (53,8%), seguido de 12 indivíduos (30,8%) com 60 horas

semanais, 4 (10,3%) com 20 horas, 1 (2,6%) com 28 horas e 1 (2,6%) com 23 horas semanais.

Quanto ao tempo de dor dos professores, aproximadamente 5% apresentaram dor há menos de dois anos, 35% apresentaram dor de 3 a 5 anos, 28% apresentaram dor de 6 a 8 anos, 5% apresentaram dor de 9 a 11 anos e o restante não lembram.



Em relação ao sexo, observou-se que o grupo feminino foi o mais afetado pela dor, apresentando 19 casos, entretanto não havendo diferença significativa ($p=0,226$), de acordo a TABELA 2.

TABELA 2. Comparação do sexo em relação a dor

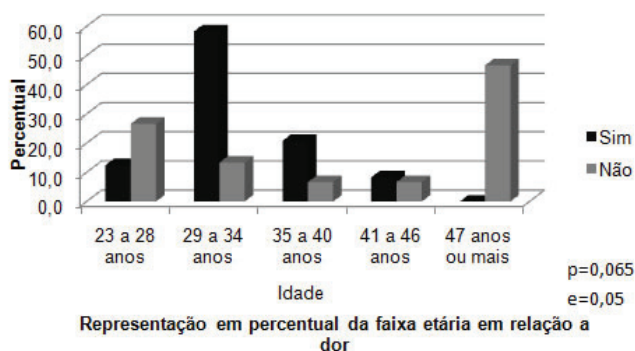
Sexo	Dor		Valor de p
	Sim	Não	
Feminino	19	3	0,226
Masculino	12	5	
Total	31	8	

No que se refere a carga horária, também não houve diferença significativa ($p=0,097$) na correlação com dor nos últimos 7 dias (TABELA 3).

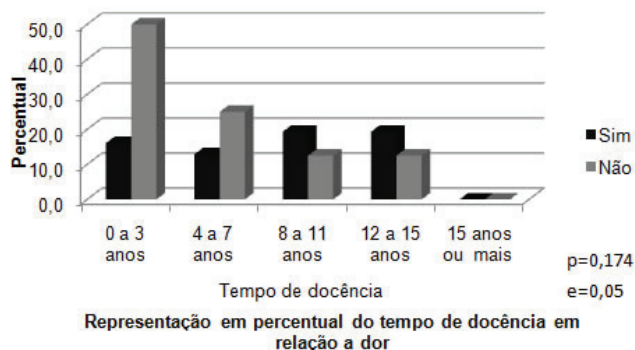
TABELA 3. Comparação da carga horária em relação a dor

Dor	n	Média	Desvio Padrão	Valor de p
Sim	31	45,16	11,51	0,097
Não	8	36,37	16,59	

De acordo a faixa etária, a dor apresentou-se mais frequente nos indivíduos de 29 a 34 anos, representando 58,3%, porém não houve diferença estatisticamente significativa na correlação entre faixa etária e dor ($p=0,065$).



Em relação ao tempo de trabalho, percebeu-se que aproximadamente 20% dos professores que trabalham de 8 a 15 anos sentem dor, enquanto que em média de 50% desses não apresentaram queixas de dor nos primeiros 3 anos de profissão. Entretanto, a associação entre dor e tempo de docência, não obteve importância significativa ($p=0,174$).



DISCUSSÃO

A população estudada apresentou em sua maioria mulheres, com idade média de 35,74 anos, tempo médio de docência de 11,67 anos, com carga horária semanal de 40 horas. Diversos estudos realizados com amostras de professores apresentaram perfil semelhante aos relatados nesta pesquisa, configurando um quadro homogêneo das características do trabalho docente no Brasil (ROCHA; FERNANDES, 2008; CAVALCANTI; CARVALHO; HANDE, 2010; DELCOR et al., 2004; CARVALHO; ALEXANDRE, 2006).

Este estudo obteve prevalência de dor osteomuscular superior a 70% da população docente pesquisada. Estudos demonstraram que a maioria dos professores apresentaram sintomas musculoesqueléticos (CARVALHO, ALEXANDRE, 2006; DELCOR et al., 2004; FERNANDES; ROCHA; OLIVEIRA, 2009; CARDOSO et al., 2009).

A prevalência de dor na região do tronco apresentada neste estudo concorda com estudos de Cardoso et al. (2009), onde a dor musculoesquelética foi mais elevada em dorso e membros inferiores, ambas regiões apresentando 41,1% dos 4.496 professores estudados. Em outro estudo, a dor osteomuscular entre os 4.237 professores pesquisados também foi de 41,1% para costas/coluna e para membros inferiores (ARAÚJO; CARVALHO, 2009). Corroborando com estes autores, uma pesquisa semelhante também apresentou um maior número de queixas algicas na parte superior das costas com 28,5% e parte inferior das costas com 26,9% (FERNANDES; ROCHA; OLIVEIRA, 2009). No estudo de Araújo et al. (2005), dentre os sintomas referidos pelos docentes destacaram-se: dor nas costas (30,8%) e dor nas pernas (28,3%).

Essas queixas musculoesqueléticas podem estar relacionadas ao fato dos professores permanecerem por longos períodos de pé (escrever em quadro de giz), carregar material didático para salas de aulas, serem responsáveis pela instalação de recursos didáticos, deslocamento constante de um módulo para o outro e inadequação das mesas e cadeiras (ARAÚJO et al., 2005).

Entretanto, nos estudos de Carvalho; Alexandre (2006), as áreas corporais mais dolorosas foram os ombros com 29,9% e região cervical com 28,7%, sendo que as regiões torácica e lombar apresentaram ambos 27,4% dos 157 docentes da pesquisa. Delcor et al. (2004), encontraram queixas dolorosas em docentes prevalecendo dor nos braços/ombro com 52,1%, seguido de dor nas costas com 51,4% e dor nas pernas/formigamento com 47,5%.

Dessa forma, em todos os estudos analisados a região da coluna vertebral é constantemente indicada com queixas

dolorosas, porém não houve achados na literatura sobre dor na região de cabeça, conforme evidenciado nesta pesquisa.

A respeito do gênero, o grupo feminino foi o mais acometido por dor osteomuscular, porém não houve diferença estatisticamente significativa na correlação com dor. Isto pode ser explicado pela sobrecarga física advinda da dupla jornada de trabalho dessas profissionais, caracterizada pelo desenvolvimento de atividades nas escolas e com as obrigações das tarefas domésticas, que podem contribuir para o surgimento da sintomatologia musculoesquelética (FERNANDES; ROCHA; OLIVEIRA, 2009).

Os resultados encontrados nos estudos de Araújo et al. (2006), demonstraram associação significativa entre dor e gênero feminino, entretanto, este resultado pode ser atribuído a sua população amostral, sendo representada por 94,1% de mulheres. Vale ressaltar que o presente estudo não apresentou grande diferença na porcentagem de mulheres quando comparada aos homens, fato este que pode explicar a não importância significativa na correlação entre gênero e dor.

Na presente pesquisa, assim como na literatura revelaram a predominância do sexo feminino na atuação docente. A educação é considerada um campo profissional predominantemente desempenhada pelas mulheres. Isto advém de um processo histórico da inserção feminina no mercado de trabalho, onde grande parte delas ingressou no campo educacional, sendo a atividade docente rotulada como uma continuidade do trabalho doméstico, passando as professoras a assumir um papel de “mãe educadora” (PARANHOS, 2001 apud DELCOR et al., 2004). De acordo a pesquisa realizada pela Unesco (2004) sobre o perfil dos professores, no Brasil, 81,3% dos docentes são do sexo feminino.

A carga horária semanal de 40 horas representou a maioria dos docentes do estudo, não apresentando associação significativa com dor musculoesquelética. Em estudos de Cardoso et al. (2009), a dor foi mais elevada em professores com esta carga horária. Em contrapartida, a Lei de Diretrizes e Bases para a educação (Lei 9394/96), no artigo 67, afirma que a carga horária para realização das atividades extra-classes deveriam estar inclusas no total de horas trabalhadas semanalmente (CASTRO, 1998 apud CARVALHO; ALEXANDRE, 2006).

A necessidade de trabalhar por vários turnos, com carga horária de 40 ou mais horas exige do profissional grande dispêndio de força muscular e energia corporal para cumprir esta alta exigência de trabalho (RIBEIRO, 2008).

Com relação à faixa etária, a dor musculoesquelética destacou-se nos adultos jovens, todavia não havendo diferença significativa. Num estudo semelhante, a dor em região de ombros apresentou associação estatisticamente significativa para os sujeitos na faixa etária entre 30 e 39 anos e a idade menor que 30 anos apresentou diferença significativa quanto a presença de dor osteomuscular na região cervical (CARVALHO; ALEXANDRE, 2006).

Segundo Zwart et al. (1997) apud Cardoso et al. (2009), trabalhadores de meia idade e jovens desenvolvem sintomas musculoesqueléticos devido à elevada demanda de trabalho, pois assumem um número maior de responsabilidades e tarefas. Dessa maneira, a idade aparece como um fator de risco para o desenvolvimento de distúrbios osteomusculares.

Quanto a relação do tempo de docência e dor, 20% dos professores com 8 a 15 anos de profissão apresentaram queixas dolorosas. Araújo et al. (2005) registraram a pouca diferença

percentual entre os tempos de trabalho, mostrando que as queixas entre os docentes com menos de 15 anos de trabalho foi de 73,2% contra 70,6% dos docentes com mais de 15 anos.

Araújo; Carvalho (2009) constataram que 55% dos professores apresentaram dor osteomuscular sendo o período médio de docência de 9,6 anos a 14,4 anos. Korkmaz; Cavlak; Telci (2011), mesmo não apresentando resultados estatisticamente significantes, observaram que professores com 10 anos ou menos de profissão apresentam maior prevalência de dor musculoesquelética. Entretanto, na pesquisa de Fernandes; Rocha; Oliveira (2009) com 242 professores, a média de docência foi de 18 anos e a sintomatologia osteomuscular apresentou alto índice. Carvalho; Alexandre (2006), concluíram que professores mais novos com um tempo menor de atuação profissional, ausência de uma união estável e ausência de filhos, estão mais sujeitos ao aparecimento de sintomas osteomusculares.

CONCLUSÃO

Este estudo possibilitou explorar a ocorrência de dor musculoesquelética em professores da rede de ensino médio, mostrando que a dor esteve mais presente em professores de 29 a 34 anos, que possuem um tempo moderado de trabalho, sendo o tronco o segmento corporal mais acometido por esse sintoma.

Observou-se que existe grande prevalência de dor osteomuscular nos docentes pesquisados, porém não houve correlação da dor musculoesquelética com as variáveis estudadas: idade, gênero, tempo de docência e carga horária.

Fortalece-se a necessidade da adoção de medidas públicas de prevenção aos agravos do sistema musculoesquelético no ambiente escolar, com intuito de minimizar a ocorrência de sintomas dolorosos e melhorar a qualidade de vida e trabalho dessa categoria profissional.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. M.; CARVALHO, F. M. Condições de trabalho docente e saúde na Bahia: estudos epidemiológicos. *Educ. Soc. Campinas*, v. 30, n. 107, p. 427-449, maio/ago. 2009.

ARAÚJO, T. M. et al. Diferenciais de gênero no trabalho docente e repercussões sobre a saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 11, n. 4, p. 1117-1129, 2006.

ARAÚJO, T. M. et al. Mal-estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior. *Rev. Baiana Saúde Pública*, v. 29, n. 1, p. 06-21, jan/jun. 2005.

CAMPOS, M. R. O docente como protagonista na mudança educacional. *Revista Prelac*, n. 1, jun. 2005.

CARDOSO, J. P. et al. Prevalência de dor musculoesquelética em professores. *Rev. Bras. Epidemiol.*, v. 12, n. 4, p. 604-614, 2009.

CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S. G. Síndrome de Burnout em professores. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, v.11, n. 1, p. 101-110, jan/jun. 2007.

CARVALHO, A. J. F. P.; ALEXANDRE, N. M. C. Sintomas osteomusculares em professores do ensino fundamental. *Rev. Bras. Fisioter.*, v. 10, n. 1, p. 35-41, 2006.

CAVALCANTI, P. C.; CARVALHO, V. C. P.; HANDE, S. Auto-postura – Contribuição para a melhora das Algas em Professores de Inglês. *Revista Inspirar*, v. 2, n. 1, p. 44-50, jan/fev. 2010.

CORDEIRO, Q.; KHOURI, M. E.; CORBETT, C. E. Dor musculoesquelética na atenção primária à saúde em uma cidade do Vale do Mucuri, nordeste de Minas Gerais. *Acta Fisiatr*, v. 15, n. 4, p. 241-244, 2008.

DELCOR, N. S. et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p.187-196, jan/fev. 2004.

FERNANDES, M. H. et al. Estilo de vida de professores universitários: uma estratégia para a promoção da saúde do trabalhador. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, v. 22, n. 2, p. 94-99, 2009.

FERNANDES, M. H.; ROCHA, V. M.; OLIVEIRA, A. G. R. C. Fatores Associados à Prevalência de Sintomas Osteomusculares em Professores. *Rev. Salud Pública*, v. 11, n. 2, p. 256-267, 2009.

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005.

GOMES, L.; BRITO, J. Desafios e possibilidades ao trabalho docente e à sua relação com a saúde. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, ano 6, n. 1, 2006.

KORKMAZ, N. C.; CAVLAK, U.; TELCI, E. A. Musculoskeletal pain, associated risk factors and coping strategies in school teachers. *Sci. Res. Essays*, v. 6, n. 3, p. 649-657, fev. 2011.

LANDINI, S. R. Professor, trabalho e saúde: as políticas educacionais, a materialidade histórica e as consequências para a saúde do trabalhador-professor. *Colloquium Humanarum*, v. 4, n.1, p. 08-21, jun. 2007.

MARIANO, M. S. S.; MUNIZ, H. P. Trabalho docente e saúde: o caso dos professores da segunda fase do ensino fundamental. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, ano 6, n. 1, 2006.

MIGUEL, M.; KRAYCHETE, D. C. Dor no paciente com lesão medular: uma revisão. *Rev Bras Anestesiol*, Salvador, v. 59, n. 3, p. 350-357, mai/jun. 2009.

RIBEIRO, Isadora de Queiroz Batista. Fatores ocupacionais associados à dor músculo-esquelética em professores. 2008. 77 f. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho da Faculdade de Medicina) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

ROCHA, V. M.; FERNANDES, M. H. Qualidade de vida de professores do ensino fundamental: uma perspectiva para a promoção da saúde do trabalhador. *J Bras. Psiquiatr.*, v. 57, n. 1, p. 23-27, 2008.

UNESCO. O perfil dos professores: o que fazem, o que pensam, o que almejam. São Paulo: Moderna, 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001349/134925por.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2011.

VAROLI, F. K.; PEDRAZZI, V. Adapted Version of the McGill Pain Questionnaire to Brazilian Portuguese. *Braz. Dent. J.*, Ribeirão Preto, v.17, n.4, p. 328-335, 2006.